



**INFORMATIVO**

**O TUIUTI**



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE  
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)  
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -  
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

**370 anos da Primeira Batalha dos Guararapes -100 anos da participação do Brasil na I GM**

**ANO 2018**

**JULHO**

**Nº 280**

**EXTRATO DO CAPÍTULO 1 DO LIVRO DO TENENTE NESTOR MAGALHÃES  
“DE GUADALCANAL A CRETA”  
(MAGALHÃES, Nestor. Porto Alegre: Evangraf, 2018)**

## Guadalcanal

(O nome Guadalcanal foi dado pelo explorador espanhol Pedro de Ortega Valencia, então membro da expedição de Mendaña em 1568, em homenagem a sua terra natal, Guadalcanal, na província de Sevilha).

**E**ra um nome estranho, hispânico, no início até difícil de falar: Guadalcanal. Enrolava a língua. Estávamos no começo dos anos 60 e ouvi esta palavra pela primeira vez dita e repetida pelo meu avô. Embora ainda muito jovem, já me sentia atraído, fascinado pela História Militar. Era o início.

Interessante, fui muito feliz com meus dois avôs, o paterno e o materno, Ovídio e Aparício. O primeiro era um pacifista, músico de violão clássico, modelista, pintor, um apaixonado por livros e que da mesma forma gostava de escrever. Ele era o açúcar. Na outra margem, o meu avô materno que tinha sido combatente durante a Revolução de 1930, gostava da vida ao ar livre, rústico, inseparável de um enorme revólver, cheio de aventuras e histórias. Lembranças afortunadas e memoráveis. Sofri forte influência de ambos. Uma benção. O açúcar e o sal, sabores absolutamente opostos, mas indispensáveis para a vida...

Depois foram os filmes. Havia naquela época em Porto Alegre muitos cinemas de bairro, e era programa obrigatório nos domingos à tarde, assistir John Wayne exterminar bandidos, mexicanos, apaches e japoneses. Uma verdadeira coleção de facínoras. Bom, pelo menos era assim que nós pensávamos naqueles tempos gloriosos.

Ah, também tinha o Audie Murphy! Moço comportado e humilde, sempre desarmado e, apesar das surras que levava, mantinha o penteado impecável. Durante boa parte do filme apanhava a valer e só no final decidia reagir e limpar a cidade de uma súcia de perversos bandidos. Corria então para o seu quarto no hotel, andar de cima do *saloon*, e tirava da mala um impecável e bem lubrificado Colt Peacemaker .45, enfiado em um coldre absolutamente preto, engraxado e com a cartucheira plena de enormes balas cor de latão (curioso, as cartucheiras dos bandidos sempre eram incompletas, com os cartuchos irregularmente espaçados). O cinema inteiro então rompia em um vibrante aplauso, gritos também. Os malfeitores eram baleados à extinção e o Audie ficava com a mocinha. Minha nossa! O bem vencia o mal com o uso da força e voltávamos para casa satisfeitos. Por esta época também começavam a aparecer filmes da Guerra da Coréia; afinal, não fazia muito que ela tinha acontecido. Não perdia nenhum.

Certo domingo, no velhusco cinema Castello, assisti o Diário de Guadalcanal, filme dirigido por Lewis Seiler em 1943, onde um dos heroicos *marines* era o jovem e latino, Anthony Quinn. Achei impressionante. Ficávamos encantados em ver os soldados japoneses poltrões, malvados, dentuços, de óculos de aros redondos, serem massacrados a socos, voadoras, facadas, tiros e explosões. E ainda havia um *grand finale* com os *jap* sacudados, correndo

em desordem para o mar (será que queriam voltar a nado para o Japão?), para serem crivados de chumbo pelas Browning. Na época era empolgante, perfeito. Hoje parece ridículo, mal feito. Claro, propaganda pura. Algum tempo depois, finalmente, consegui algo sério sobre o assunto, aliás muito bem escrito. Foi com o eletrizante livro *Desafio no Pacífico* de Robert Leckie, publicado no Brasil em 1970, que comecei a definitivamente me interessar pela cruenta batalha que aconteceu naquela ilha perdida na vastidão do oceano Pacífico: Guadalcanal.

Foi lá que ocorreu uma luta brutal, isenta de misericórdia, de extrema fereza, sem regras, entre americanos e japoneses pela posse de um desmantelado campo de pouso no meio de uma selva tropical infestada de malária. Foi lá que a maré da Guerra no Pacífico começou a virar contra o Japão. Já no início do livro, Leckie (1966) horroriza, arrepiando o leitor:

“Guadalcanal bela. Por fora. Por dentro, sabia, era um pântano venenoso. Crocodilos ocultavam-se em seus riachos, ou patrulhavam suas águas estagnadas. Suas matas estavam vivas com seres que escorregavam, rastejavam, escapuliam, com lagartos que latiam como cães, com imensas aranhas vermelhas e felpudas, com centopeias, sanguessugas e escorpiões, ratos, morcegos e caranguejos marinhos, e uma espécie de grande caranguejo terrestre que se movia pela vegetação rasteira como um rolo compressor. Em Guadalcanal abundavam lindas borboletas, mas também miríades de insetos que devoravam, chupavam, mordiam, escavavam, e se alimentavam de sangue humano; exércitos de fogosas formigas brancas, magotes de nojentas moscas negras que atacavam as feridas abertas, transformando-as em úlceras pustulentas, e nuvens de mosquitos portadores de malária. Quando fazia calor, Guadalcanal era úmida; quando chovia era encharcada e fria, e toda a vegetação infecta tornava-se mole e gosmenta ao toque. Não, nada tinha de encantadora e amável”... (Leckie, 1966, p.10)

Foi o navegador espanhol Álvaro Mendaña de Neira quem descobriu em 1568 este arquipélago de florestas tropicais exuberantes e praias de areias brancas que se destacavam entre o azul do mar e o verde dos coqueiros. Dizem que inspirado na riqueza do sábio rei de Israel, o batizou como Ilhas Salomão. Seguiu-se então um longo intervalo de mais de 200 anos em que muito poucos exploradores europeus navegaram por lá. Somente a partir de 1800 é que as ilhas começaram a despertar algum interesse da Inglaterra e mais tarde, em 1893, tornaram-se um protetorado britânico.

Guadalcanal é a maior ilha do arquipélago, com cerca de 150 Km de comprimento e quase 50 km de largura. É montanhosa mais ao sul, porém na costa norte, possui a melhor planície do arquipélago e é muito fácil transformar um terreno plano em um aeródromo. Em frente, ao norte, separada por um corredor marinho que mais tarde receberia o famigerado nome de Baía do Fundo de Ferro, havia outra ilha, Florida, com um porto profundo, protegido por mais três ilhas menores: Tulagi, Gavutu e Tanangobo. Logo os japoneses pressentiram estas estratégicas potencialidades: um porto e um aeródromo, condições excepcionais para operações de guerra contra as linhas de comunicações entre o Havaí e a Austrália. Assim, no início de abril de 1942 ocuparam Tulagi e dois meses depois, desembarcaram soldados e operários em Guadalcanal onde de imediato iniciaram a construção de uma pista de pouso com 1.200 m.

No dia 7 de agosto de 1942, foi a vez dos americanos chegarem. Com o apoio de três porta-aviões, encouraçados, cruzadores, destroieres e navios transportes, os *marines* do major-general Vandegrift desembarcaram em Guadalcanal e por mais espantoso que poderia ser, sem resistência. Os japoneses surpreendidos pelo intenso fogo dos canhões dos navios e ataques dos aviões, fugiram para o interior da selva. Já o 1º Batalhão de Assalto, os Raiders, dirigiu-se para Tulagi onde enfrentou ferocíssima resistência japonesa, organizada em inúmeras cavernas interligadas. O mesmo aconteceu em Gavutu e Tanangobo. Nesta primeira ilhota, um em cada dez *marines* foi morto ao pisar em terra.

Naquele final de tarde o sol penetrou no mar na forma de uma esfera vermelha raiada, como a bandeira da Marinha Imperial Japonesa. Um mau presságio. Então veio a noite, muito rápida e os americanos tiveram que manter suas posições. Entretanto ninguém pode dormir. Em Guadalcanal, os japoneses começaram a fustigar os *marines*. Atiradores, alguns trepados no alto de coqueiros e se comunicando entre si com assobios, disparavam em tudo que se mexia. O inimigo invisível estava em toda a parte e as balas dos Arizaka lavam vindas de infinitas direções. Estes atiradores-assobiadores destroçavam os nervos dos fuzileiros acossados nas suas tocas naquela escuridão miserável.

O manto tenebroso da noite tropical não tinha nada de protetor e logo armou-se o cenário para uma matança feroz. Já em Tulagi e Gavutu os japoneses saltaram de suas cavernas como demônios, gritando, lançando granadas, atirando de fuzil ou brandindo espadas e baionetas. Berravam ameaças terríveis: – Ban-za-aiiii! *Marine* vai morrer!

Todo japonês que não era abatido, continuava avançando e lutava até a morte. Naquela noite horripilante, nenhum assalto terminou antes que todos os atacantes fossem mortos sem comiseração.

No outro dia, em Guadalcanal, os americanos alcançaram o aeródromo, batizado algum tempo depois como Henderson Field em homenagem ao major USMC Lofton R. Henderson, morto em combate quando liderava um ataque de bombardeiros de mergulho contra os porta-aviões japoneses em 4 de junho de 1942, durante a Batalha de Midway.

Vandegrift capturou uma área centralizada no aeródromo e com limites a oeste no rio Lunga e a leste no rio Ilu, organizando um perímetro defensivo e ocupando quase todo o terreno necessário para tal. Também dando continuidade ao término da construção da pista de pouso e demais instalações abandonadas pelos japoneses. Já na batalha pelas ilhotas, principalmente em Gavutu e Tanambogo, ambas cercadas por coral, cheias de cavernas dissimuladas na selva, de onde partia um nutrido fogo de fuzis e metralhadoras, a criatividade do capitão Harry Torgerson foi decisiva para reverter a situação no ataque à primeira. Lançou-se mão de longas varas com uma carga explosiva em uma das pontas, dotada de um estopim muito curto, de maneira a evitar que quando enfiadas dentro das cavernas, os japoneses tivessem tempo de jogá-las para fora. Desta maneira improvisada, dezenas de cavernas foram destruídas e malgrado todas as dificuldades, no final da tarde, Gavutu era americana. Perto de 750 japoneses haviam perecido defendendo tenazmente Tulagi, Gavutu e Tanambogo, enquanto 144 americanos foram mortos e 194 feridos.

Do outro lado da baía tudo parecia indicar que o controle de Guadalcanal era apenas uma questão de dias, talvez semanas, sem que ninguém pudesse prever que uma operação militar secundária se transformaria em uma longa campanha sangrenta, com uma sequência de furiosos combates terrestres, aéreos e navais. E a reação japonesa não se fez por esperar, violenta e hábil. Veio através de um ataque noturno que surpreendeu os americanos e australianos quando os cruzadores do vice-almirante Gunichi Mikawa vindos de Rabaul, desembarcaram em formação de batalha na Baía do Fundo de Ferro, passando despercebidos nos radares dos destróieres americanos pelo lado sudoeste da ilha de Savo. Foi uma dura refrega na escuridão. Favorável desde o início aos japoneses, exímios no combate noturno, valendo-se de observadores treinados, de excelentes binóculos para emprego com baixa luminosidade, da surpresa, de potentes projetores e de granadas iluminativas lançadas de paraquedas por hidroaviões. Ficou conhecida como Batalha da Ilha de Savo e os americanos e australianos perderam quatro cruzadores. Contudo o bravo Mikawa não explorou sua vitória. Temendo a aviação americana com base em porta-aviões que certamente apareceria com a luz da manhã, retornou a Rabaul sem atacar os indefesos transportes abarrotados de vital suprimentos para os *marines* de Vandegrift. Entretanto, nesta que eu chamo “A Noite dos Cruzadores”, os canhões japoneses e os seus mortais torpedos Lança Longa, com perdas mínimas, haviam ceifado a vida a mais de 1.200 marinheiros americanos e ferido perto de 700 outros.

Mas isto era só o começo. Seria uma luta sangrenta, extensa e por muito tempo incerta. As cinco batalhas navais e inúmeras escaramuças que se seguiram em torno da ilha, bem como os combates aéreos quase diários, colocaram tantos naufrágios nas profundezas da baía que o local ficou conhecido como Baía do Fundo de Ferro. Um local sinistro, onde as agulhas magnéticas estremeciam ao passar navegando sobre os navios e aviões mortos. Uma verdadeira sepultura marinha. Em terra os japoneses tentaram por três vezes conquistar o aeródromo e foram repelidos com pesadas baixas.

Ah, e não se poderia deixar de também comentar sobre o Expresso de Tóquio. Normalmente alguns destróieres e cruzadores japoneses que navegavam quase todas as noites ao largo de Guadalcanal, desembarcando tropas e suprimentos e, antes de partir para Rabaul, bombardeando o campo de Henderson Field. Estas operações tinham quase a regularidade de um trem, daí o nome dado pelos americanos. Houve uma noite terrível, em 13 de outubro de 1942, quando fizeram parte do Expresso, os encouraçados Haruna e Kongo que canhonearam o aeródromo durante hora e meia, destruindo parte da pista, instalações e quase todos os aviões que lá estavam. Enormes obuses de 356 mm produziram morte e destruição. Entretanto, se as perdas eram pesadas para ambos os lados, a capacidade de recuperação dos americanos era muito maior.

Foi somente na madrugada do dia 7 para 8 de fevereiro de 1943, seis meses após o desembarque dos *marines* de Vandegrift, que último soldado japonês foi evacuado da ilha. Milhares morreram em combate, milhares morreram de fome e doenças tropicais e cerca de 10.000 homens foram resgatados pelo Expresso de Tóquio. Guadalcanal ficou conhecida entre os japoneses como Shih Shima, Ilha da Morte. A longa e sangrenta luta pela posse de um campo de aviação arruinado pelas bombas e obuses, cercado por quilômetros de selva úmida e assolada de malária, havia finalmente terminado.

**Nota:** O livro poderá ser adquirido pelo e-mail [ulissess18@yahoo.com.br](mailto:ulissess18@yahoo.com.br), autografado pelo autor, ao preço de R\$60,00, com o custo postal já incluído. Recomendamos também uma visita ao blog [www.cavaleirodasprofundezas.com](http://www.cavaleirodasprofundezas.com)

